

Entre fábulas, mitos e epopeia: Alaíde Lisboa e a Antiguidade clássica grega e romana

Katia Teonia Costa de Azevedo¹

Resumo: O texto examina a intersecção entre a obra da escritora brasileira Alaíde Lisboa de Oliveira e a Antiguidade clássica, com foco na sua contribuição para a literatura infantil e juvenil. Por meio do Grupo de Pesquisa FABULA, identificou-se a predominância de recontos de Esopo, mas destacou-se a singularidade de Alaíde Lisboa ao adaptar as fábulas de Fedro para o português, trazendo o fabulista antigo para o público infantil brasileiro. O estudo destaca as obras de Alaíde Lisboa que dialogam com a Antiguidade clássica, incluindo a série didática “Meu coração” e outras obras, tais como, *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro recontadas* e *outras fábulas*. Este artigo visa apresentar um panorama introdutório dessas obras, ilustrando como a escritora brasileira Alaíde Lisboa reinventa o repertório clássico, enriquecendo a literatura contemporânea para crianças e jovens. A base teórica do estudo alinha-se aos estudos de recepção clássica de estudiosos como Charles Martindale e Lorna Hardwick, ressaltando a interação dialógica entre passado e presente. Palavras-chave: Fábulas de Fedro. Alaíde Lisboa. Literatura infantil e juvenil. Estudos de recepção clássica.

Introdução

A intersecção estabelecida entre a figura literária de Alaíde Lisboa de Oliveira² e o mundo antigo constitui um instigante ponto de convergência, enlaçando a tessitura da literatura contemporânea

1 Professora de Língua e Literatura Latina do Departamento de Letras Clássicas, do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas (PPGLC) e do curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e Doutora em Letras Clássicas pela mesma instituição. É coordenadora do Projeto de Extensão *Mitologando: Cultura Clássica Greco-Romana para crianças e jovens* (UFRJ) e pesquisadora responsável pelo grupo de pesquisa “FABULA: A recepção da Antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil” (UFRJ/CNPq). Foi vice-presidenta da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL) de 2019 a 2022. É cofundadora do coletivo feminista Filomela. Entre os temas de interesse a que se dedica, destacam-se os estudos da recepção clássica, as questões de gênero, o luto e o ensino de línguas clássicas.

2 Doravante, referida como Alaíde Lisboa.

brasileira, especialmente da literatura infantil e juvenil, com a Antiguidade clássica grega e romana. Essa constatação emerge da investigação conduzida no âmbito do Grupo de Pesquisa “FABULA: a recepção da Antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil”, na qual se delineou uma panorâmica que destaca a notável profusão de recontos das fábulas, dirigidos à audiência infantil e juvenil. Com base nessa pesquisa, constatou-se que a grande maioria dessas adaptações recai sob a égide do fabulista Esopo (AZEVEDO, 2023).³ Porém, é notória, como um caso excepcional, a elaboração de adaptações das fábulas de Fedro para a língua portuguesa do Brasil, direcionadas ao público infantil e juvenil. Esse feito singular é atribuído ao pulso talentoso da escritora mineira Alaíde Lisboa (2013 [1990], p. 5), a qual, “com o latim ali do lado”, elaborou duas obras - *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro recontadas* (OLIVEIRA, 2013a [1990]) e *Outras fábulas* (1997 [1995]), estabelecendo, declaradamente, um diálogo com o fabulista latino Fedro. A importância dessas obras reside na escolha de Alaíde Lisboa de ter tido como modelo o autor latino, em contraste com a mais comum iniciativa de tomar Esopo como modelo de recontos, permitindo, assim, a acessibilidade do autor latino ao público infantil e juvenil. É notável mencionar também que a autora teve acesso direto ao texto em latim durante o processo de reinterpretação das fábulas de Fedro, prática que lança ainda mais destaque a essas obras. Esses importantes trabalhos motivaram o presente estudo, de modo a buscar conhecer o percurso criativo da escritora mineira e a relação por ela mantida com o universo da Antiguidade clássica, que se revelou ainda mais amplo.

Ao observar como Lisboa entrelaça a sua escrita com o mundo antigo, buscamos compreender de que forma ela reinventa, revitaliza e se apropria do repertório clássico, contribuindo para o enriquecimento da

3 O resultado desta investigação encontra-se em fase de publicação, estando previsto como uma nova edição do *Repertório bibliográfico sobre a Antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil no Brasil*. Disponível em: www.fabula.lettras.ufrj.br.

diversidade do panorama literário contemporâneo, especialmente para a literatura destinada às crianças e aos jovens.

Propõe-se, no presente artigo, apresentar um panorama introdutório das obras de Alaíde Lisboa que dialogam com a Antiguidade clássica, destacando aspectos relevantes como títulos, gêneros, temas recorrentes e outros elementos que permitam ter uma compreensão inicial do processo criativo da autora e da sua relação com o mundo antigo.

Selecionamos como escopo a série didática “Meu coração” (1984 [1957]), destinada ao ensino da leitura e ao desenvolvimento da formação de novas pessoas leitoras. A coleção, que se encontra esgotada e não está mais em circulação, é composta de quatro volumes. No entanto, no contexto deste estudo, apenas os volumes dois e três, juntamente com o guia do professor, puderam ser obtidos e examinados. Além dessa série, também fazem parte do objeto deste artigo as seguintes obras literárias de Alaíde Lisboa destinadas ao público infantil e juvenil: *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas (1990), *Outras fábulas* (1995), *Histórias que ouvi contar* (2004), *O avião de Alexandre* (2013) e *Ulisses* (2013).

Os estudos de recepção dos clássicos, como delineados pelos acadêmicos britânicos Charles Martindale (1991; 1993) e Lorna Hardwick (2003), constituem a base teórica desse estudo, permitindo-nos explorar novas camadas de significado que surgem do diálogo entre o presente e o passado.

Alaíde Lisboa: fragmentos de um caminho

Charles Martindale (1991, p. 47; 1993, p. 5), ao tomar o símile da *tabula rasa*, critica a concepção de um encontro desprovido de influências entre um texto e seu leitor, pensamento coadunando-se com o conceito

de “fusão de horizontes”, concebido por Gadamer⁴ (*apud* MARTINDALE, 1993, p. 7). De acordo com essa visão, é ilusório imaginar a leitura de uma obra sem experiências anteriores. Ao considerar essa perspectiva, buscamos apresentar um breve panorama reconstituindo parte da trajetória de Alaíde Lisboa, evidenciando sua relação com elementos culturais e históricos responsáveis por moldar inevitavelmente, em algum nível, sua interpretação e produção literárias.

A rica trajetória de Lisboa transcende diversas esferas da sociedade brasileira ao longo de sua vida. Nascida em Lambari, em 22 de abril de 1904, e falecida em Belo Horizonte, em 4 de novembro de 2006, a escritora e educadora mineira desempenhou, ao longo dos seus 102 anos, papéis significativos como pedagoga, professora, política e escritora, traçando um legado multifacetado que abrange suas contribuições no campo da educação, sua atuação literária e seu engajamento no cenário político. Membro da Academia Mineira de Letras, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia Feminina Mineira de Letras, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, autora de numerosos livros e pioneira no âmbito político mineiro, a vida e a obra de Alaíde Lisboa refletem uma notável e abrangente dedicação às esferas intelectual e social. Além de suas próprias realizações, a autora foi influenciada e cercada por uma rede literária e intelectual no seio familiar. Dos 13 irmãos que teve, tendo sobrevivido até a idade adulta somente nove, encontram-se a escritora Henriqueta Lisboa e o escritor José Carlos Lisboa. No contexto de seu matrimônio com o advogado e poeta José Lourenço de Oliveira (1904-1984), professor emérito e catedrático de latim na Universidade Federal de Minas Gerais, a escritora mineira igualmente descortinou um espaço propício para a apreciação e o fomento da literatura. Foi nesse ambiente que se consolidaram diversas afinidades que amalgamaram a união do casal,

4 Hans-Georg Gadamer. *Truth and Method* [1960]. Trans. G. Barden and J. Cumming. London, 1975, p. 306.

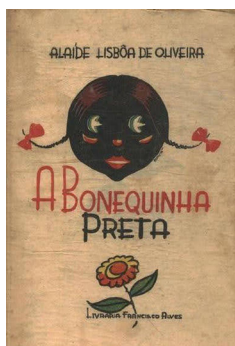
a qual perdurou desde o ano de 1936 até o ano de 1984. Ao longo desse período, Alaíde Lisboa e José Lourenço de Oliveira tiveram quatro filhos, entre os quais Abigail Lisboa de Oliveira Carvalho (1937-2006). Abigail, doutora em Direito, foi professora na Escola de Ciência da Informação e da Faculdade de Ciências Econômicas, ambas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (BICT-UFRJ, 2020). Ademais, é importante lembrar que, em parceria com sua mãe, Abigail contribuiu, de maneira significativa, para a concepção e elaboração de algumas das obras literárias produzidas por Lisboa, entre elas as que tomam a Antiguidade clássica como matéria.

Um marco notável na trajetória da escritora foi sua participação como a primeira mulher vereadora eleita por Belo Horizonte, ocupando o cargo de 1949 a 1952. Sua incursão na esfera política local demonstra a postura pioneira e a coragem em desafiar as normas sociais da época. Essa atuação política reflete não apenas sua determinação, mas também a convicção no poder do engajamento cívico para promover mudanças significativas na sociedade e uma consciência social, sobretudo no que diz respeito ao papel da mulher, como se observa nas palavras da própria autora: “a mulher exclusivamente absorvida pelos cuidados materiais da casa, a mulher alheia às mutações sociais e políticas cedo perde o contato com a geração que se forma dentro da própria casa. O filósofo já disse que somos animais políticos.” (SILVA JUNIOR, 2004).

Todo esse engajamento político, social e educacional pode ser percebido já em sua estreia como escritora de obras literárias para o público infantil e juvenil brasileiro. Em 1938, Lisboa publica o seu primeiro livro para crianças, *O Bonequinho Doce*, mas é com a obra *A Bonequinha Preta*, publicada no mesmo ano, que seu percurso na literatura infantil ganha maior destaque. A despeito da ausência de uma abordagem explícita sobre o tema do racismo em sua narrativa, a autora demonstra uma importante consciência social ao, deliberadamente, selecionar uma protagonista preta para a sua história. Tal escolha é emblemática, pois a

autora foi impulsionada pela carência de bonecas pretas disponíveis no mercado de brinquedos brasileiro, constituindo, por conseguinte, um ato consciente e de relevância, trazendo à tona questões relacionadas com a representatividade étnica e com o enfrentamento do racismo sistêmico no Brasil. A obra *A Bonequinha Preta* se destaca não apenas por sua escrita criativa e qualidade literária mas também por atingir de maneira especial o público infantil brasileiro. Sua importância acentua-se ao considerarmos o panorama do século XX, um período notório pela limitada produção literária voltada para crianças, e, mais ainda, por ser uma época em que as obras disponíveis para esse público muitas vezes derivavam de narrativas populares. Essa análise é corroborada pelas observações registradas pela própria autora em entrevista realizada no âmbito do projeto “Memória do Jornalismo Mineiro” (MEMÓRIA, 1996). É imperativo salientar, ainda, a calorosa recepção do público leitor no Brasil, evidenciada pelas sucessivas reedições que *A Bonequinha Preta* experimentou. O livro não apenas se firmou como uma referência na literatura infantil, mas também atingiu um marco impressionante com mais de dois milhões de cópias vendidas, conforme reporta o Blog da Editora Lê (GRUPO LÊ, 2021), consolidando seu lugar no cenário literário nacional.

Figura 1: Capa das edições de 1938 a 1963 do livro *A Bonequinha Preta* de Alaíde Lisboa, ilustrações de Monsan



(Fonte: PADOVANI, 2020)

Os primeiros diálogos: a Antiguidade clássica em “Meu coração”

As primeiras manifestações do diálogo estabelecido entre Alaíde Lisboa e a Antiguidade clássica podem ser observadas na série didática intitulada “Meu Coração”, elaborada em coautoria com a sua filha, Abigail de Oliveira Carvalho. Publicada em 1957 pela editora José Olympio e ilustrada por Willy, a coleção, em quatro volumes, demonstra o empenho das autoras em apresentar uma metodologia voltada para o desenvolvimento da leitura e para a formação de novas pessoas leitoras. A série reúne uma seleção de textos de variados gêneros (contos populares, mitos, fábulas, poemas) e de autoria igualmente diversa (Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Henriqueta Lisboa etc.). A promoção da leitura e o cultivo do prazer literário constituíram metas essenciais que orientaram o trabalho de Lisboa, cuja crença na capacidade transformadora da leitura e da poesia se reflete, por exemplo, no trecho a seguir, extraído da obra *Da alfabetização ao gosto pela leitura* (1991), que também introduz a obra póstuma da autora, *Quando o segredo se espalha* (2013):

A influência que a poesia pode exercer nas crianças ou nos adolescentes é de uma força a toda prova. As revelações poéticas envolvem a alma. Não são lições morais pregadas categoricamente – são lições, são conceitos, são sentimentos, que penetram a alma através das emoções, provocadas pela expressão artística, manifestadas pela forma e pela essência da composição poética. A poesia revela à criança as menores vibrações da alma, as pequeninas delicadezas que envolvem a natureza humana, em si mesma e nas suas relações universais, fazendo-a sentir a plenitude da vida.
(OLIVEIRA, 1991, p. 106, *apud* OLIVEIRA, 2013b, p. 10)

A coleção “Meu Coração” estabelece um diálogo significativo com o mundo antigo clássico por meio de alguns gêneros literários, notadamente a fabulística antiga exemplificada nas obras de Esopo e Fedro⁵, assim como a mitologia grega e a poesia épica homérica. As fábulas tomadas pelas autoras nos três volumes analisados da série didática “Meu coração” são: *O Leão e o Ratinho* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 11)⁶, *A Rã Ambiciosa* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984b, p. 46) e *A Rã Arrebrandada* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 94), sendo as duas últimas representações distintas de uma mesma fábula de autoria de Fedro (*Ph.*, 1.24).

Especificamente no terceiro volume da série, é possível constatar um aumento no número de fábulas, cujas fontes são Esopo e Fedro, como *A raposa e o bode* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 41; *Aes.*, C40; *Ph.*, 4.9), *A mosca e a mula* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 49; *Ph.*, 3.6) e *A águia e a raposa* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984b, p. 81; *Aes.*, C3; *Ph.*, 1.28). Na adaptação dessas fábulas, observa-se que não ocorrem alterações nem na moral da narrativa, tampouco na estrutura básica das fábulas, quais sejam, a alegoria e presença de título e de epimítio (uma moral explícita).

Além das fábulas de Esopo e de Fedro, a mitologia grega também é tomada pelas autoras como um modelo de reelaboração de narrativas, constituindo um exercício literário na série didática “Meu coração”. Os mitos *O rei Midas* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 115) e o mito micênico de Ícaro, apresentado com o título *Voar... Voar* (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 149), evidenciam essa abordagem.

É digno de nota o fato de que as autoras, Alaíde Lisboa e Abigail Carvalho, se abstêm de atribuir a autoria dessas fábulas a Esopo ou a Fedro, optando por designá-las como “narrativas populares”. É relevante ressaltar também que, apesar de não identificarem explicitamente os autores antigos, as escritoras reconhecem os repertórios gregos fabulístico, literário

5 Para este estudo são assumidas as seguintes abreviações: *Aes.* = Esopo; *C* = Chambry; *Ph.* = Fedro.

6 *Aes.*, C206.

e mitológico como fontes preeminentes para inculcar a leitura e o apreço por ela, conferindo a esses textos um apreciável valor literário (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984a, p. 7).

O reencontro com as Fábulas

Algumas das narrativas que compõem a série didática “Meu coração” passaram por reedições posteriores exclusivas as quais implicaram a alteração de um contexto inicialmente pedagógico dessas narrativas para uma reelaboração inseridas no âmbito da literatura infantil brasileira. Nesse contexto, novos projetos gráficos foram incorporados a essas edições, e outros artistas foram encarregados de criar as respectivas ilustrações para essas obras. Isso resultou na adição de novas camadas de significado às narrativas, pois os livros ilustrados representam uma fusão intrínseca de texto e ilustrações, uma forma de expressão artística singular, além de enfatizarem a interconexão entre imagens e palavras, permitindo uma abordagem mais rica e multidimensional das histórias apresentadas (SALISBURY; STYLES, 2013, p. 75). São exemplos dessa reelaboração editorial o texto *Era uma vez um abacateiro* e as obras cuja temática é a Antiguidade clássica, a saber, as fábulas *O avião de Alexandre* e *Ulisses*.

Nesse entendimento, no ano de 1990, Alaíde Lisboa reestabelece o diálogo engendrado com as fábulas por meio da publicação de uma nova obra dedicada exclusivamente às fábulas de Fedro: *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas, ilustrada pela artista Regina Coeli Rennó e editada pela Editora Lê. Esse livro obteve o reconhecimento na cena internacional ao ser agraciado, no mesmo ano de seu lançamento, com o prêmio francês *Les Octogones* e obteve expressiva recomendação para o público infantil por parte da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

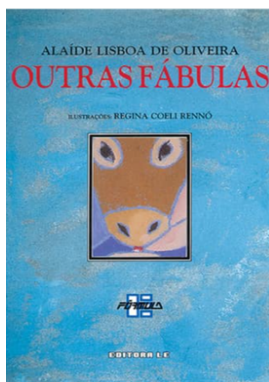
(FNLIJ).⁷ Tal apreço e reconhecimento ecoaram na publicação de três edições nos anos de 1990, 1998 e 2013. Esse ciclo de edições sucessivas reafirma o mérito da obra e a sua relevância contínua no âmbito literário dedicado ao público infantil e juvenil no Brasil.

Figura 2: Capa da terceira edição (2013) do livro *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas, de Alaíde Lisboa e ilustrações de Regina Rennó.



(Fonte: OLIVEIRA, 2013a)

Figura 3: Capa da terceira edição (1997) do livro *Outras fábulas*, de Alaíde Lisboa e ilustrações de Regina Rennó.



(Fonte: OLIVEIRA, 1997)

7 Em 1975, a FNLIJ começou sua premiação anual, quando foi criado o Prêmio FNLIJ. São os dez melhores livros nas categorias: criança, jovem, imagem, poesia, informativo, tradução (criança, jovem e informativo), cujos escritores, ilustradores, tradutores e editores recebem a laurea "Altamente Recomendável".

Na apresentação da obra *Como se fosse gente*: Fábulas de Fedro recontadas, os leitores têm a oportunidade de se aprofundar na experiência de Alaíde com o gênero fabulístico. Alaíde oferece um vislumbre de como as fábulas lhe foram apresentadas desde a infância, enriquecendo seus dias em ambientes familiares e escolares. Ela também realça, com notável apreço, os elementos mais marcantes dessas leituras: a dramaticidade dos contadores de histórias, a atenção aos detalhes, a destilação da essência de cada texto, o entrelaçamento das narrativas explicativas e a relevância de suas aplicações em contextos oportunos (OLIVEIRA, 2013a, p. 5). Mais tarde, em fase adulta, a autora revisita as fábulas de Fedro e, como já dito, com “o latim ali do lado” (OLIVEIRA, 2013, p. 5), adapta dez fábulas, respeitando, segundo a autora, o núcleo do conteúdo e libertando-se da forma (OLIVEIRA, 2013, p. 5). Dito de outro modo, a autora não apresenta uma subversão da moral, ainda que modifique, de certo modo, a alegoria das narrativas e, além disso, elabora as suas fábulas em prosa, diferente da forma em verso utilizada pelo fabulista latino Fedro (*Ph.*, 1. *Prologus*, v.1-2), como ele próprio anuncia no prólogo do primeiro livro: “O autor Esopo criou esta matéria que eu compus em versos senários”⁸

É importante ressaltar que, no contexto deste estudo, a concepção atribuída ao termo “adaptação” está alinhada com a abordagem conceitual delineada por Hardwick (2003, p. 9) e Feijó (2010, p. 44). De acordo com esses autores, a adaptação literária é considerada uma modalidade de tradução. Portanto, no contexto dessa pesquisa, Alaíde Lisboa é interpretada como uma tradutora, dada a natureza de seu trabalho com os textos cuja temática é a Antiguidade clássica.

As fábulas escolhidas por Alaíde para essa nova edição são: *A águia e a raposa* (*Ph.*, 1.28), *O leão valentão* (*Ph.*, 1.21), *A raposa e as uvas* (*Ph.*, 4.3), *A lebre e o camponês* (*Ph.*, 6.28), *A raposa e o bode* (*Ph.*, 4.9), *O lobo e o*

8 Tradução nossa. Cf. *Aesopus auctor quam materiam repperit / hanc ego polivi versibus senariis*. (*Ph.*, 1. *Prologus*, v.1-2).

grou (Ph., 1.8), *A briga dos touros* (Ph., 1.30), *A gralha e o pavão* (Ph., 1.3), *O leão e o rato* (esta fábula não consta em Fedro, conforme Perry)⁹ e, por fim, *O lobo e o cão* (Ph., 3.7).

A aceitação do livro *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas engendrou o lançamento, cinco anos depois, de uma segunda obra, igualmente pautada nas fábulas de Fedro, intitulada *Outras fábulas*. Esse novo empreendimento literário também foi enriquecido pelas ilustrações da mesma artista, Regina Coeli Rennó. De maneira semelhante à trajetória da obra *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas, o livro *Outras fábulas* angariou alta recomendação junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para o público infantil. Além disso, a obra também foi contemplada com três edições distintas: 1995, uma segunda edição, cuja data não foi identificada, e 1997.

No âmbito de seu mais recente trabalho dedicado às fábulas, Alaíde Lisboa disponibiliza ao público um conjunto adicional de dez narrativas inéditas. Ao contrário da abordagem anteriormente adotada em *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro* recontadas, em que a autora realizou uma introdução à sua própria obra, em *Outras fábulas*, a escritora mineira não forneceu esclarecimentos explícitos quanto à continuidade de Fedro como modelo para as suas novas fábulas. No entanto, foi possível, após uma análise detalhada, identificar que algumas das narrativas presentes em seu novo trabalho ainda mantêm como modelo o repertório do fabulista latino Fedro. Tais fábulas serão devidamente identificadas com a referência apropriada. As novas fábulas são: *O cidadão e o camponês*, *O dono tem cem olhos*, *A lebre e o pardal* (Ph., 1.9), *O lobo e o cordeiro* (Ph., 1.1), *Astúcia da raposa* (Ph., 1.13), *As aparências enganam* (Ph., 1.4), *Vãs ameaças* (Ph.,

9 Há, no entanto, uma versão latina intitulada *De leone et mure* (Barlow 24), traduzida e ilustrada por Francis Barlow, com base no texto de Esopo (C206). *Aesop's Fables with His Life: in English, French and Latin. Newly Translated. Illustrated with One hundred and twelve Sculptures. To this Edition are likewise added, Thirty one New Figures representing his Life.* By Francis Barlow. London: Printed by H. Hills jun. for Francis Barlow, and are to be sold by Chr. Wilkinson, Tho. Fox, and Henry Faithorne, 1687, p.49.

3.6)¹⁰, *As cabras e as barbas* (Ph., 4.17), *O cão, o javali e o caçador* (Ph., 5.10) e *O gavião e as pombas* (Ph., 1.31).

A continuidade do êxito e a subsequente publicação em edições múltiplas das obras em questão não apenas refletem o apreço sustentado por parte do público infantil e juvenil pela recriação das fábulas de Fedro sob a perspectiva criativa de Alaíde Lisboa, mas também enfatizam a importância intrínseca dessas obras no âmbito literário voltado para esse público específico. As contribuições imagéticas fornecidas pelas ilustrações elaboradas por Regina Coeli Rennó desempenham um papel igualmente essencial no impacto dessas composições literárias, corroborando, assim, a fecunda colaboração entre a escritora e a ilustradora no processo de reconfiguração das antigas fábulas com vistas à audiência contemporânea.

Reconhecer a origem das fábulas antigas como narrativas populares destinadas a um público geral, não exclusivamente infantil ou juvenil, é fundamental. Alaíde Lisboa assumiu um processo de reelaboração dessas histórias, inicialmente empregando-as em sua série didática “Meu coração” e, em seguida, dedicando-se ao reconto dessas fábulas em duas obras literárias. Esse trabalho incluiu a ampliação do espaço para ilustrações e o desenvolvimento de um novo projeto gráfico, atribuindo novas dimensões e significados às narrativas de Fedro. Assim, as fábulas ganharam coautoria de Alaíde Lisboa e Regina Coeli Rennó. Essa dinâmica desperta considerável interesse nos estudos dedicados à recepção dos clássicos, os quais não se restringem meramente à avaliação dos textos e às suas interações recíprocas, mas também se voltam à exploração dos processos culturais que exercem influência e dão forma a essas relações (HARDWICK, 2003, p. 5).

Vale ressaltar a imersão da autora no texto latino de Fedro como componente essencial de sua criação literária. Diferentemente de muitas adaptações de fábulas que derivam da tradução de textos clássicos antigos

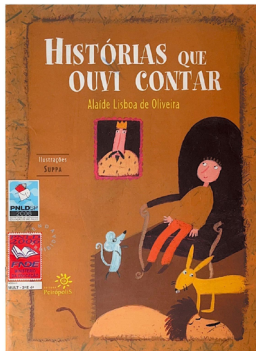
10 Esta fábula já tinha sido apresentada na série “Meu coração” (1984c, [1957]) com o título *A mosca e a mula*.

para idiomas modernos, o processo criativo desta escritora se destaca. Sua obra não se limita a traduções intermediárias; ela engaja-se em um diálogo direto com as narrativas em latim de Fedro.

Histórias que ouvi contar: Alaíde Lisboa e seus recontos de Homero e da mitologia grega

Em 2004, celebrando o centenário de Alaíde Lisboa, a Editora Peirópolis publicou o livro *Histórias que ouvi contar*, organizado pela escritora e sua filha, Abigail Carvalho. Esta obra compila algumas histórias da série didática “Meu coração”. Dentre as dez histórias selecionadas para a publicação, quatro são narrativas tomadas da Antiguidade clássica, a saber: *Voar... Voar*, *O rei Midas*, *O avião de Alexandre* e *Ulisses*¹¹.

Figura 4: Capa do livro *Histórias que ouvi contar* (2004) de Alaíde Lisboa e ilustrações de Suppa.

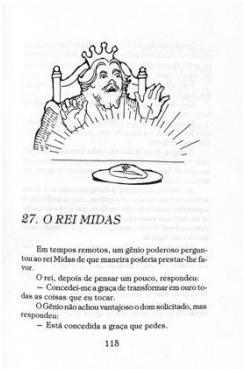


(Fonte: OLIVEIRA, 2004)

11 As demais narrativas são: *O homem honesto*, *As três perguntas*, *O britador*, *O compadre da Morte*, *Amigos e O espelho*, *a bota e a rosa*.

Os textos apresentados nesta obra não diferem da versão inicialmente apresentada nos volumes da série “Meu coração” (OLIVEIRA; CARVALHO, 1984b, 1984c), exceto pela ilustração, cuja autoria passou de Willy para a artista Suppa. As novas ilustrações trouxeram mais camadas de significação com a inserção de elementos que fazem parte de outras culturas e de outras épocas, como se verifica na narrativa *O rei Midas*:

Figura 5: Página de entrada do texto *O rei Midas*, com ilustrações de Willy, extraída do livro *Meu coração*.



(Fonte: OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 115).

Figura 6: Página de entrada do texto *O rei Midas*, com ilustrações de Suppa, extraída do livro *Histórias que ouvi contar*.



(Fonte: OLIVEIRA, 2004, p. 20).

Na coletânea “Meu coração”, duas narrativas emergem transportando elementos da Antiguidade clássica para um contexto contemporâneo, o qual é mais profundamente explorado na obra *Histórias que ouvi contar* (2004). Com títulos como *O avião de Alexandre* e *Ulisses*, essas histórias refletem o empenho da autora em recontextualizar o antigo, um traço distintivo de sua criação literária. As edições independentes dessas narrativas em publicações póstumas parecem enfatizar a conexão profunda da escritora com o mundo clássico. Essa reevocação atua como um meio de revitalizar e dar novo significado aos elementos clássicos em sua literatura, enriquecendo não apenas as narrativas individuais e o corpo da literatura infantil brasileira, mas também destacando a conversa contínua entre passado e presente em sua jornada como escritora.

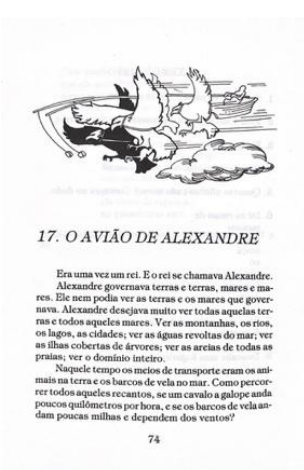
O Alexandre de Alaíde e o avião de Alexandre

A narrativa intitulada *O avião de Alexandre* encontra seu lugar no âmbito do segundo volume do livro “Meu coração” (1984b). Precedida pela história *Saci-Pererê* de Joaquim de Queirós (1984b, p. 71) e seguida pelo texto *Duas trovas*, narrativas extraídas das trovas populares brasileiras da coletânea de Afrânio Peixoto (1984b, p. 78), *O avião de Alexandre* narra o desejo de um poderoso rei de vislumbrar, dos céus, as vastas dimensões de seu reino. A angústia da personagem surge ao tentar encontrar um meio viável para realizar tal proeza em tempos em que os únicos modos de transporte disponíveis eram os animais terrestres e as embarcações à vela.

O nome Alexandre se destaca no título da narrativa, sugerindo potencialmente uma ligação com o célebre rei macedônico Alexandre, o Grande. Entretanto, a versão contida na série “Meu coração” não revela elementos textuais ou visuais que vinculem com determinação a história à Antiguidade clássica. Nessa obra, a figura de Alexandre poderia ser transposta para qualquer era histórica necessitada de

inovações em transporte, conforme ilustrado na figura sete. A falta de uma contextualização textual detalhada sugere que, dentro do contexto educacional da época, a atemporalidade da narrativa poderia ter um papel mais relevante no ensino e na inculcação do apreço pela leitura. Nessa versão de *O avião de Alexandre* apresentada, o enfoque narrativo parece orientar-se mais para a ressonância com as aspirações universais humanas e o ímpeto em direção ao inexplorado.

Figura 7: Página de entrada do texto *O avião de Alexandre*, com ilustrações de Willy, extraída do livro *Meu coração*



(Fonte: OLIVEIRA; CARVALHO, 1984c, p. 74)

Figura 8: Segunda página do texto *O avião de Alexandre*, com ilustrações de Suppa, extraída do livro *Histórias que ouvi contar*



(Fonte: OLIVEIRA, 2004, p. 24)

Contudo, *Histórias que ouvi contar* (2004) representa uma transformação notável na abordagem de Alaíde Lisboa e Abigail Carvalho no que tange à narrativa *O avião de Alexandre*. Nessa reedição, o texto é estrategicamente posicionado entre as histórias de *O rei Midas* e *Ulisses*, ambas situadas na seção final da coletânea. Essa disposição, ainda que não

explicitada, sugere uma conexão temática com a Antiguidade clássica grega e romana. Embora as ilustrações de Suppa não incorporem explicitamente elementos do mundo antigo à representação de Alexandre, a inclusão dessa história em um contexto dominado por outras narrativas antigas pode ser interpretada como uma alusão intencional à temática do mundo clássico.

Na edição póstuma de *O avião de Alexandre*, lançada em 2013, a essência clássica da história se estabelece com maior clareza dentro do espectro da Antiguidade. Esse efeito é amplificado pelas ilustrações de Anna Cunha, cuja estética visual e traços delicados enriquecem significativamente a ambientação da narrativa, no contexto de uma civilização antiga. As imagens de Cunha, incorporando elementos que ressoam com o mundo greco-romano, conferem à história uma dimensão visual que se alinha de maneira mais coesa ao contexto da Antiguidade.

Figura 9: Capa do livro *O avião de Alexandre* (2013), de Alaíde Lisboa, com ilustrações de Anna Cunha.



(Fonte: LISBOA, 2013a)

Adicionalmente às representações visuais, que enfatizam uma clara contextualização com a Antiguidade clássica, as ilustrações criadas por Anna Cunha conferem à narrativa de Alaíde Lisboa uma camada interpretativa singular. Pela caracterização de Alexandre por meio de elementos típicos

da Antiguidade, como a toga e a coroa de louros, a contextualização direta com o mundo antigo é estabelecida de maneira inconfundível. No entanto, o aspecto distintivo das ilustrações de Anna Cunha reside na transformação do próprio Alexandre em uma figura infantil, diferindo significativamente das interpretações elaboradas pelos ilustradores Willy, em “Meu coração” (1984b [1957]), e Suppa, em *Histórias que ouvi contar* (2004), conforme demonstrado nas ilustrações apresentadas. Tal representação singular proposta por Anna Cunha redefine a compreensão da personagem, apresentando um Alexandre ainda criança, potencializando um matiz imaginativo e criativo do universo infantil à sua figura histórica. Essa nova leitura do texto de Alaíde Lisboa permite acrescentar uma dimensão inédita à interpretação dessa narrativa, explorando nuances emocionais e temáticas que enriquecem a experiência literária e o diálogo com o mundo antigo.

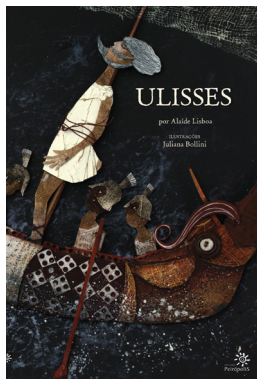
A *Odisseia* de Alaíde Lisboa

Além das fábulas atribuídas aos autores antigos Esopo e Fedro, bem como as narrativas pertencentes ao repertório mitológico, Alaíde Lisboa empreendeu a recriação do poema homérico *Odisseia*, possivelmente como parte integrante do quarto e último volume da série “Meu coração”. As peripécias do herói Ulisses, como apresentadas no épico, foram retomadas na coletânea intitulada *Histórias que ouvi contar* (2004), sendo divididas em seis episódios: *O cavalo de Troia*, *O gigante Polifemo*, *As sereias*, *Circe*, *Nausícaa* e *Penélope*. Contudo, apenas os capítulos relativos às *Sereias* e à *Penélope* receberam ilustrações realizadas por Suppa, revelando, nessa versão da narrativa, uma ausência imagética associada ao protagonista Ulisses.

Similarmente ao que ocorre com a obra *O avião de Alexandre*, também no ano de 2013, a narrativa épica de Ulisses recebe uma edição

exclusiva com ilustrações da artista argentina Juliana Bollini. Já na capa dessa edição, emerge a figura de Ulisses situada no contexto do episódio das sereias, conferindo, pela representação *in medias res*, um espírito intrigante de aventuras, como pode ser verificado na figura seguinte:

Figura 10: Capa do livro *Ulisses* (2013), de Alaíde Lisboa, com ilustrações de Juliana Bollini.



(Fonte: LISBOA, 2013b)

O belíssimo trabalho de Juliana Bollini, desenvolvido com recortes, sucatas e uma grande variedade de materiais, acrescentou novas camadas interpretativas à adaptação da *Odisseia* de Homero elaborada por Alaíde Lisboa. A abordagem visual da ilustradora adicionou complexidade e profundidade interpretativa à narrativa épica, como pode ser evidenciado pela sua concepção da rainha Penélope (figura 11). Nessa representação, ela é retratada envolta por uma renda, cujo simbolismo remonta à significativa prática do tecer na vida das mulheres gregas, adquirindo especial relevância no contexto da própria *Odisseia*. Por meio dessa associação visual, Juliana Bollini ilustra a força e o poder inerentes à personagem de Penélope, demonstrando a habilidade de controlar o próprio tempo por meio do ato de tecer e de destecer, aludindo ao controle exercido pela personagem sobre sua própria situação e destino.

Figura 11: Imagem de entrada do episódio *Penélope* extraída do livro *Ulisses* (2013, p. 44-45), ilustrado por Juliana Bollini.



(Fonte: LISBOA, 2013b)

Entre múltiplas Alaídes e suas visões da Antiguidade

À luz do arcabouço teórico proposto pelos estudos da recepção dos clássicos conforme delineados por Martindale (1991; 1993) e Hardwick (2003), os textos de Alaíde Lisboa que se entrelaçam com a Antiguidade clássica emergem com amplificadas dimensões interpretativas. Nesse enfoque, surge a compreensão da relação dinâmica e adaptativa que transcorre entre a esfera da literatura clássica e a contemporaneidade. Nessa perspectiva, a relevante produção literária da escritora, docente, educadora e tradutora (e tantas outras identidades) assume contornos distintivos, revelando sua virtuosidade ao estabelecer um diálogo fecundo com os repertórios fabulístico, mitológico e épico da Grécia e Roma antigas e na habilidade intrínseca em ressignificar concepções clássicas em consonância com as inquietações e aspirações do presente.

Referências

AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. FABULA. Repertório bibliográfico sobre a Antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil no Brasil. Portal FABULA. Rio de Janeiro. Disponível em <https://fabula.letras.ufrj.br/repertorio-bibliografico/>. Acesso em: 03 dez 2023.

BABRIUS; PHAEDRUS. *Fables*. Translated by Ben Edwin Perry. Harvard College: Loeb Classical Library 436. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965.

BARBOSA, Amanda Ribeiro. “Faço minha estrela sem apagar a sua”: a brilhante trajetória de Alaíde Lisboa de Oliveira. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, v. 80, ano 99, p.103-111, 2020. Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/wp-content/uploads/2021/12/REVISTA-DA-AML-80-VERSAO-ELETRONICA-11-2021.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ÉSOPE. *Fables*. Texte établi et traduit par Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura*. Como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores. São Paulo: Editora Ática, 2010.

GARCIA, Álvaro Andrade. Site oficial de José Lourenço de Oliveira. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lourenco/vida/index.html>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GRUPO LÊ. *Alaíde Lisboa de Oliveira atuou em literatura, pedagogia e política*. Blog Editora Lê. Belo Horizonte, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www.le.com.br/blog/alaide-lisboa-de-oliveira/>. Acesso em 20 jun. 2023

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies: Greece and Rome - New Surveys*

in the Classics. Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2003.

IBICT-UFRJ. *Mulheres na Ciência da Informação*: Abigail Lisboa de Oliveira Carvalho (1937-2006). Portal 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Educação. Rio de Janeiro, [2020]. Disponível em: <http://50.ppgci.ibict.br/mulher/abigail-lisboa-de-oliveira-carvalho-1937-2006/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LISBOA, Alaíde. *O avião de Alexandre*. Ilustrações de Anna Cunha. Belo Horizonte: Editora Peirópolis, 2013a.

LISBOA, Alaíde. *Ulisses*. Ilustrações de Juliana Bollini. Belo Horizonte: Editora Peirópolis, 2013b.

MARTINDALE, Charles. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception (Roman Literature and its Contexts)*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINDALE, Charles. Redeeming the Text: The Validity of Comparisons of Classical and Postclassical Literature (A View from Britain). *Arion A Journal of Humanities and the Classics*, v. 1, n. 3, p. 45–75, [s.l.], 1991.

MEMÓRIA: Alaíde Lisboa. Belo Horizonte, MIS BH, 2015. Entrevista realizada no âmbito do projeto “Memória do Jornalismo Mineiro”, em 1996, com edição realizada em 2011. Publicado pelo canal Canal MISBH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwvuBquFMjI>. Acesso em: 10 set. 2023.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; CARVALHO, Abigail de Oliveira. *Meu coração: Metodologia da leitura no Primeiro grau – Livro 1 a 4*. Manual do professor. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984a.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; CARVALHO, Abigail de Oliveira. *Meu coração: Primeiro grau – Livro 2*. Capa e ilustrações de Willy. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984b.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; CARVALHO, Abigail de Oliveira. *Meu coração: Primeiro grau – Livro 3. Capa e ilustrações Willy*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984c.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *A Bonequinha Preta*. [1938]. Ilustrações de Ana Raquel. Belo Horizonte: Editora Lê, 2004.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Como se fosse gente: Fábulas de Fedro recontadas*. [1990]. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora Lê, 2013a.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Histórias que ouvi contar*. Ilustrações de Suppa. Belo Horizonte: Editora Peirópolis, 2004.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Quando o segredo se espalha (a poesia em voz alta)*. Organizado por Francisco Marques (Chico dos Bonecos). Ilustrações de Joana Resek. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013b.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa. *Outras fábulas*. [1995] Ilustrações de Regina Coeli Rennó. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

PADOVANI, Daniel Medeiros. Alaíde Lisboa de Oliveira: A Bonequinha Preta (1938). In: PADOVANI, Daniel Medeiros. *Blog Capas de Livros*. Ribeirão Preto, SP, 16 de junho de 2020. Disponível em <https://capasdelivrosbrasil.blogspot.com/2020/06/alaide-lisboa-de-oliveira-a-bonequinha-preta.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. *Livro ilustrado: a arte da narrativa visual*. Tradução de Marcos Capano. São Paulo: Editora Rosari, 2013.

SILVA JUNIOR, Maurício Guilherme. Uma mulher à frente do tempo: prestes a completar cem anos, Alaíde Lisboa é referência na educação e na literatura infantil brasileiras. *Boletim [da] UFMG*, Belo Horizonte, n. 1428, ano 30, 04.03.2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1428/oitava.shtml>. Acesso em: 24 jul. 2023.

Among fables, myths, and epic: Alaíde Lisboa and the Classical Greek and Roman Antiquity

Abstract: The text examines the intersection between the works of Brazilian writer Alaíde Lisboa de Oliveira and those of classical antiquity, focusing on her contribution to children and young adult literature. In FABULA Research Group, we identified a predominance of Aesop's retellings, but Alaíde Lisboa's uniqueness stood out in adapting Phaedrus' fables to Portuguese, bringing the figure of the ancient fabulist to the Brazilian young audience. The study highlights Alaíde Lisboa's works that maintain a dialogue with classical antiquity, including the didactic series "Meu coração" and other titles, such as Como se fosse gente: Fábulas de Fedro recontadas and Outras fábulas. It is an introductory overview, illustrating how Lisboa reinvents the classic repertoire, enriching contemporary literature for children and young people. The theoretical foundation of the study aligns with the classical reception studies of scholars such as Charles Martindale and Lorna Hardwick, emphasizing the dialogic interaction between past and present. Keywords: Phaedrus Fables. Alaíde Lisboa. Children and Young Adult Literature. Classical Reception Studies.